**O FAUNO E O SAPO: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES ENTRE DANÇA E LITERATURA NA MODERNIDADE**

Taís Chaves Prestes[[1]](#footnote-1)

Acadêmica do curso de Dança Licenciatura- UFPel

Thiago Silva de Amorim Jesus²

Professor do Curso de Dança-UFPel

**RESUMO**

Num momento de aproximação de duas linguagens artísticas -dança e literatura- conhecido como modernismo, é traçado um paralelo entre Brasil e Rússia tomando como pontos de reflexão o poema “Os Sapos”, do brasileiro Manuel Bandeira, e a coreografia “L'après-midi d'un faune”, do bailarino e coreógrafo russo Vaslav Nijinsky; obras estas marcadas por tal movimento estético, em ambos países, pelo grande impacto e estranhamento que causaram.

**Palavras-Chave:** Dança. Literatura. Modernismo

INTRODUÇÃO

Na pós-modernidade, tem se tornado cada vez mais comum o estabelecimento de relações entre diversos saberes e manifestações artísticas, deduzindo novos modos de operação e diálogo entre os mecanismos que produzem e organizam cada linguagem inserida no vasto campo das artes e os desdobramentos provenientes destes cruzamentos.

Tais possibilidades artísticas multi, trans ou interdisciplinares nos provocam uma série de reflexões que nos permitem considerar a importância e entender a abrangência que tais pontes são capazes de estabelecer, sejam elas especificamente relativas ao campo das artes ou não.

Neste contexto pós-moderno, é possível perceber inúmeros atravessamentos e várias relações possíveis entre as artes em seus diversos “ângulos”. No fazer artístico, na fruição estética e, por conseqüência, na contextualização destas artes, sejam elas verbais ou não-verbais, podemos perceber em inúmeros estudos a mescla de assuntos que, inicialmente, parecem não ter relação óbvia ou aparente e que acabam propondo vínculos extremamente ricos e interessantes.

É possível verificar isto em diversas áreas. Relações entre dança e biologia, música e matemática, teatro e geografia, artes plásticas e história, artes visuais e literatura, entre outras tantas possíveis, são exemplos de áreas que se interligam e dialogam de forma a permitir que se visualizem pontes ricas de construção interdisciplinar entre as áreas de conhecimento artístico e outras provenientes de outros ramos do conhecimento, ou mesmo de diferentes linguagens artísticas entre si.

Considerando o cenário descrito, o presente estudo inscreve-se como outra possibilidade de diálogo entre diferentes áreas artísticas, a partir do estabelecimento de um olhar que aproxime dança e literatura. Para tanto, o trabalho se propõe a uma análise comparativa entre dois objetos estéticos distintos, cada um proveniente de uma destas áreas, e que vislumbram uma interface entre a História da Dança e a História da Literatura.

Tomando como referência o Modernismo, pretende-se estudar relações possíveis entre duas manifestações artísticas que são consideradas marcantes historicamente no âmbito da modernidade, tanto para a dança, quanto para a literatura. Assim, com o intuito de perceber possíveis influências e aproximações entre as áreas e as obras, tomam-se como objetos de estudo o balé russo dirigido por Sergey Diaghilev e dançado por Vaslav Nijinsky chamado “*O Fauno”* e o poema escrito por Manuel Bandeira, recitado[[2]](#footnote-2) pelo também letrado Ronald de Carvalho na Semana de Arte Moderna, chamado “*Os Sapos”*.

A escolha de tais áreas artísticas provém de uma relação pessoal que possuo com estas duas linguagens, dança e literatura, em função de serem campos de forte influência em minha formação acadêmica. Além disso, o estudo acerca de diferentes movimentos interdisciplinares sempre me instigou pela riqueza de possibilidades levantadas mediante a interface entre campos do conhecimento que se associam para a construção de um novo saber, interdisciplinar.

Particularmente, a escolha destes objetos de estudo tem a ver com seu papel no cenário de transição para a modernidade e o impacto que causaram em seus respectivos contextos de apresentação.

No campo da dança, tomar-se-á como referência o momento em que o bailarino Vaslav Nijinsky dança uma coreografia composta por ele, porém dirigida pelo diretor Sergey Diaguilev, principal responsável por iniciar o bailarino na vida artística. A obra causa grande escândalo na época, tamanha audácia por parte do bailarino, o qual fazia parte da companhia Os Balés Russos criado por Diaghilev; Nijinsky criou L’Après-midi d’un Faune (A tarde de um fauno) onde dança sua coreografia regada a nuances de malícia com ninfas donas de uma pureza incomparável.

Ao final de sua performance, o bailarino simulou uma cena de masturbação com um véu que caíra de uma das ninfas. O público reagiu revoltado com vaias e muitos repudiam esta obra audaciosa causadora de impacto imediato, mas que posteriormente será de grande renome se tornando referência nas danças da época.

Para tanto, de modo a dar continuidade à idéia inicial, ou seja, a relação entre duas formas de arte, no campo da literatura, escolho uma obra igualmente singular em seu nível de importância histórico-literária, tendo grande repercussão em seu contexto de origem: a cidade de São Paulo, no ano de 1922, ocorrido entre os dias 11 e 18 no mês de fevereiro, na Semana de Arte Moderna, que aconteceu no Teatro Municipal.

O poema “Os sapos” de Manuel Bandeira, que é considerado hoje um hino modernista, foi, em seu momento de apresentação ao público, repudiado friamente, porém, posteriormente, o mesmo tornou-se uma das obras mais aclamadas do campo literário.

Após muitas exposições realizadas e também criticadas na Semana, Ronald de Carvalho recita o poema “Os sapos” a pedidos do amigo Manuel Bandeira, no momento resguardado na Europa. Ao ler o trabalho do colega, Ronald escuta miados, latidos, gritos e vaias do público que estava presente naquele momento no Teatro Municipal de São Paulo.

Apesar desta reação do público, Bandeira declara posteriormente em *Itinerário de Pasárgada* que o poema - que viria a se tornar o hino nacional dos modernistas - não se tratava de uma crítica aos parnasianos como pensavam a maioria das pessoas, mas que “era dirigido contra certos ridículos do pós-parnasianismo”[[3]](#footnote-3). (JARDIM, 2008, p.18)

É possível perceber que os impactos causados pelas duas obras tiveram grandes repercussões em seus respectivos momentos, não podendo deixar de se destacar na presente pesquisa como forma de levar conhecimento àqueles que também se interessam por tais assuntos, cujos fatos muito contribuíram e influenciaram no comportamento e modo de pensar das pessoas da época, levando sempre em consideração o contexto nos quais as duas obras ocorreram e o período do modernismo em que as mesmas se sucederem. Assim, portanto, as obras receberam influências, direta e indiretamente, dos diversos momentos e circunstâncias - igualmente particulares – que lhes permeavam.

No presente estudo, portanto, busco a (co)relação entre os objetos estéticos escolhidos (obras de dança e literatura), de forma que auxilie no entendimento dos fatos ocorridos mediante as influências históricas dos contextos estudados, tanto no Brasil quanto na Rússia.

O NEOCLASSICISMO: ARES DE TRANSIÇÃO PARA UMA NOVA ESTÉTICA

O Neoclassicismo demarcou uma nova fase no mundo da dança. Constituiu-se como um período transitório da história da dança que tinha como proposta a “criação de obras originais e até de provocação”. (Bourcier, 1987, p.227). Foi neste período que iniciou um novo olhar estético sobre a criação em dança e a idéia de união de todas as formas de artes foi enfatizada.

Até hoje, esta fase é muito lembrada por críticos, historiadores e bailarinos, que têm como referências grandes nomes da dança como o próprio Vaslav Nijinsky, além de Tamara Karsavina e Anna Pavlova (os quais integravam “Os Balé Russos”), entre tantos outros artistas que marcaram esta época de transição pouco compreendida pela maioria do público fruidor.

Passando por transformações significativas, a Dança Neoclássica (corrente que antecedeu o Modernismo), também causadora de um certo estranhamento, constituiu-se em um tipo de abordagem em dança que pretendia o convite a um outro olhar estético sobre esta linguagem.

Tinha como referência o academicismo ao mesmo tempo em que não abriam mão da ousadia em mesclar outras artes, como as artes plásticas, a música, a moda e a poesia, assim como se utilizavam de outras correntes da época como o expressionismo e o cubismo, por exemplo, desta maneira foram tomando forma com o intuito de que o Neoclassicismo tivesse uma identidade própria criando seu próprio perfil.

Para tanto, Diaghilev se fortalecia numa parceria com grandes nomes destes ramos, justamente com o intuito de tornar seus espetáculos singulares, únicos. Entre estes grandes nomes estavam: Pablo Picasso, Igor Stravinsky, Coco Chanel, Stéphane Mallarmé e Michel Fokine, dentre outros que podem ser citados.

A dança russa ganhava nova roupagem, afinal ela era o ponto de encontro de todas as artes. Por inúmeros momentos a dança se utilizava da técnica clássica mesclando-a com histórias do folclore, o que dava uma nova intenção às apresentações. Considerando estas inovações propostas pelos bailados dirigidos por Diaguilev, surgiram os chamados “Balés Russos’, caracterizados como pitorescos, coloridos, com uma ponta de exotismo necessária ao sonho.” (BOURCIER, 1987, p.226).

Por tudo isto, pode-se dizer que a dança teve ares renovados. A companhia dos Balés Russos era itinerante, o que exigia do corpo de baile, a apresentação de balés curtos, pois houve uma melhor adaptação por parte dos bailarinos com os vários contratempos e imperativos capazes de ocorrer numa companhia com este perfil.

Quanto aos bailarinos, todos tinham igual importância e papel ativo na obra, sem lugar neste caso, à figuração ou a presença em segundo plano na coreografia. A maioria daqueles artistas eram frutos do rigor do academicismo, o que acabava, por sua vez, deixando transparecer a olhos nus o tecnicismo, porém este era acompanhado de um domínio íntimo do movimento, o qual emanava de uma organicidade quase latente, deixando a dança ganhar além de ares audaciosos pela gama de novas criações em movimento, ganhar também ares naturais de gestos que “simplesmente” fluíam.

Considerando tais características, José Sasportes, em seu livro “Pensar a Dança - a reflexão estética de Mallarmé a Cocteau”, discorre sobre esta nova forma de fazer dança baseando-se na obra *O Fauno*, de Nijinsky*:*

Nenhuma referência à modernidade da obra na genealogia do Bailado, em que ao evidente achado dos movimentos do corpo em perfil se sobrepunha uma utilização directamente erótica do corpo humano. Esta nova apropriação do corpo não partia de uma bailarina da escola livre, mas de um artista formado no mundo do Bailado, capaz de dar a devida intensidade à ruptura de cânones que se operava no Fauno. É claro que só um bailarino devidamente treinado poderia ter encontrado uma tão grande energia para se projectar para novas dimensões. (KIRSTEIN *apud* SASPORTES, 2006, p. 58)

Tal consideração permite compreender melhor o resultado positivo e a admiração que obteve a companhia de Diaguilev, muito disso em função do perfil ousado do bailarino Nijinsky.

Os Balés Suecos, por sua vez, tiveram menor duração. O conjunto foi fundado por Rolf de Maré no pós-guerra e pretendia renovar a arte da coreografia, pois para eles, os Balés Russos já pareciam um tanto “*demodés*”. No balé sueco, existiu a ideia de amenizar a rigidez do código acadêmico ao mesmo tempo em que o mesmo não era excluído, porém, a aventura sueca teve pouco tempo de vida. Bourcier (1987, p.235) esclarece: “os Balés Suecos mostraram a multiplicidade de caminhos que se abriam ao balé em nossa época, mas não tinha técnica suficiente para explorá-los”.

Mesmo com sua curta duração, os Balés Suecos foram importantes, servindo até mesmo como base comparativa a respeito da maneira como se sucedeu a linguagem neoclássica da dança, através das companhias.

Além das companhias, o neoclassicismo teve grandes expoentes na dança, que deixaram sua marca e até hoje são citados, como George Balanchine. Nascido na Rússia, estudou piano e composição por influência familiar, iniciou no balé aos nove anos de idade e foi mais uma semente da dança clássica que floresceu e se destacou nos jardins do bailado.

Balanchine também foi seguidor de Diaguilev, fazendo parte temporariamente dos Balés Russos. Porém, sua passagem pelos balés foi breve, pois logo decidiu partir para os EUA, onde suas criações coreográficas foram inspiradas piamente em criações musicais, tal e qual: “O coreógrafo trabalha sobre a música exatamente como o poeta sobre a métrica”. (BOURCIER, 1987, p.238).

Balanchine é então considerado um dos provedores do bailado contemporâneo e por conseqüência, tem grande reconhecimento por suas obras diversificadas e graças a isto, consegue finalmente criar uma companhia fixa, a New York City Center Ballet, cujo repertório “veio a ser constituído, essencialmente, por bailados breves de Balanchine” (SASPORTES, 2006, p. 207), local também onde o artista atuaria como mestre de balé e coreógrafo até sua morte.

RUMO AOS FAZERES MODERNISTAS

Por volta de 1890, até meados do século XX, o mundo passou por transformações determinantes para uma nova fase da história. Em meio a guerras, descobertas e invenções, surgem manifestações estéticas que orientam a inauguração de um novo momento para o campo das artes, convencionado posteriormente como Modernismo, considerado, talvez, uma das fases mais marcantes da história da arte no mundo. A ruptura com o passado, o experimentalismo incessante e cada vez mais instigante, o excesso de informações que levou ao desenvolvimento de um pensamento cada vez mais complexo.

A sociedade agitava-se com tantos acontecimentos. Na segunda metade do Século XIX, a Revolução Industrial se tornou uma das causas de maior impacto devido à emancipação dos espaços urbanos e as alterações com as máquinas automatizadas, ferrovias e o capitalismo que estavam em alta. Houve também o surgimento dos meios de comunicação como o rádio e o telégrafo, o que modificou de maneira radical o modo de viver e de se comunicar das pessoas, quando exalta-se, a partir de então, a tecnologia.

Por esta série de fatores se torna fácil perceber o porquê das maneiras de pensar e de reagir se alteravam a cada momento. E nas artes não foi diferente... Artistas estavam tentando romper com o passado e pisoteavam por cima de seus próprios discursos, um dia defendidos com “unhas e dentes”.

A negação ao parnasianismo estava em voga, sendo esta uma constante na maioria das prosas ou poemas dos letrados da época. A métrica nos poemas foi deixada de lado, o que permitia aos artistas “brincar de escrever”, da mesma forma em que o academicismo foi negado permitindo tais “aventuras criativas”. Na Europa, estava em alta a descoberta diária de fazer arte em suas formas mais inovadoras e singulares possíveis as quais serviram de influência direta aos artistas do nosso país.

No caso do Brasil, os artistas mais abonados tinham o privilégio de estudar fora do país, normalmente na Europa, e lá aprendiam as várias técnicas e linguagens para expressarem suas artes, como o concretismo e o futurismo, por exemplo. O que se fazia presente nas artes plásticas era o expressionismo, com as suas figuras marcantes. As vanguardas e os fragmentados movimentos artísticos aconteciam no mundo todo de forma incessante e apareciam para influenciar e instigar todo e qualquer tipo de arte, corroborando ainda mais no “como fazer” de todos aqueles que apostaram numa vida com arte.

Pode-se dizer que neste momento histórico as artes caminhavam juntas e se completavam. A dança, por exemplo, inspirava a moda com os seus figurinos dos balés clássicos, enriquecendo a coleção de artistas como a estilista Coco Chanel, que tinha na dança uma fonte interminável de possibilidades para a criação de suas coleções.

Já na literatura, o poeta Augusto de Campos fazia de seus poemas obras de arte “completas”, ao passo que unia versos com figuras abstratas e figuras tridimensionais das artes plásticas. A música de Villa Lobos era influenciada pelas artes em geral que o rodeavam, principalmente quando a semana de arte moderna começou a ser organizada.

Oswald de Andrade unia de forma rica literatura e teatro, enquanto Flávio de Carvalho fazia um mix de arquitetura, artes plásticas e cenografia em seu trabalho. Estes são apenas alguns dos exemplos que mostram como as artes estavam intimamente próximas e, partindo deste pressuposto, se desenvolviam e eram criadas da mesma maneira.

Mais um exemplo disto é a passagem no livro de Mário da Silva Brito- *História do Modernismo Brasileiro-* onde o autor comenta sobre o convívio artístico que Anita Malfatti teve com vários artistas, com os quais ela teve contato ao passar uma temporada nos EUA:

Anita Malfatti trava conhecimento com Isadora Duncan e suas discípulas, com Máximo Gorki, com Juan Gris e Marcel Duchamp, com Baskt e Diaghileff. (...) Eram os refugiados Russos, corridos pela Revolução, e eram intelectuais e artistas franceses levados para o Novo Mundo por causa da guerra européia. (BRITO, 1997, p.40)

Partindo destes pressupostos e tomando-os como mote histórico para o presente estudo, propomos um olhar sobre as relações que dão base à proposta do trabalho.

DANÇA E LITERATURA: O MODERNISMO COMO PONTE ENTRE BRASIL E RÚSSIA

Em 1905, inicia na Rússia um movimento anticzarista que iria se estender até 1917, quando a Revolução, após derramar litros de sangue, finda. A revolução do proletariado russo repercutiu de forma presencial no mundo influenciando de maneira inegável no como agir das pessoas fossem elas do oriente ou ocidente. O povo russo, camponeses, proletariados brigavam por melhores condições de vida o que culminou numa batalha que perdurou por longos anos com a vitória dos bolcheviques.

Bailarinos começaram a fazer suas viagens para a América Latina, América do Norte e Europa como forma de segurança de suas companhias devido às efervescências da guerra que oscilavam conforme o passar dos dias. E poetas, por sua vez, produziam seus textos contaminados por influência direta deste que seria um assunto de interesse universal, a Revolução Russa.

Em 1912, Nijinsky criava, sob o aval de Diaguilev, e com a inspiração vinda de um poema de Mallarmé, a obra “L’A près-Midi d’un Faune”. Tal trabalho “levou dois meses para ficar pronto e apenas dez minutos para apresentá-lo” segundo o próprio Nijinsky (NIJINSKY, 1985, p.113).

Penso que as inovações coreográficas de Nijinsky são as mais originais e as mais artisticamente modernas possível, e que é chegado o momento em que um êxito unânime deve acolher devidamente este esforço admirável. (GROSS *apud* SASPORTES, 2006, p.63)

A obra que foi apresentada em Paris, no Théâtre du Châtlet, recebeu os mais diversos tipos de crítica e acabou por fazer parte do rol dos principais trabalhos do bailarino revolucionário. Sobre Nijinsky e o Fauno, Sasportes considera:

Se critica Nijinsky, se não gosta de L’A près-Midi d’un Faune, por causa de Mallarmé, nem de Jeux, por causa de Debussy, Ghéon compreende depois, com a Sagração da Primavera, que existe um nexo e uma lógica entre as três obras de Nijinsky, e que o Fauno era, em 1912, a instituição de uma nova era.” (SASPORTES, 2006, p.103)

Apesar de diversos elogios, em meio à guerra e uma série de problemas psicológicos, Nijinsky foi internado durante a revolução, por um momento na casa de sua sogra, em Budapeste, sob os cuidados da esposa, mas decide ir com ela e os filhos para um hotel, porém logo retornou a pedidos da própria sogra. Relata Nijinsky em seu diário: a “comida era muito cara por causa da guerra. (...) Não estava zangado com minha sogra e a amava porque sabia que era duro para ela nos manter.” (NIJINSKY, 1985, p.113-114)

Mesmo com tais dificuldades na vida do bailarino, suas obras continuavam sendo constantemente lembradas, comentadas e divulgadas nos meios da época.

Enquanto isso, a guerra permanecia forte, despertando a curiosidade, solidariedade e a produção dos artistas no Brasil, assim como manifestou-se Assis Chateaubriand ao jornal: “Os homens que se estraçalham na guerra civil agora na Rússia matam-se por um ideal. É a absorção mais completa da personalidade pelo interesse coletivo.” (CHATEAUBRIAND *apud* BRITO, 1997, p. 94)

O Modernismo, por si só, já era em sua forma, conteúdo e abordagem causador de um certo interrogatório nesta época, justamente por esta nova era esperar novas respostas e tê-las de fato, das mais variadas maneiras; prova disto foi a arte influenciada por um estilo de vida cosmopolita.

Imaginemos então que difícil a adaptação por parte destas pessoas vitimadas por toda esta revolução com ares positivos, negativos, novos. O contexto apresentava em seus entornos uma cultura que sofria, ainda, os temores de uma guerra conflituosa. O fato é que a Revolução Russa foi um dos maiores acontecimentos internacionais que antecederam a Semana de Arte Moderna no Brasil.

O Brasil, de outro lado, aproximadamente na mesma época em que Nijinsky apresentou sua grande obra (iniciada no final da temporada dos balés de 1910), conseguiu tornar-se o maior produtor de café do mundo, o que interferiu na economia do país e automaticamente no desenvolvimento nacional. (AMARAL,1979, p.35)

Já na literatura, em 1912, “chega” no país, através de Oswald de Andrade, o *Futurismo*, corrente que negaria radicalmente tudo aquilo que fosse pertencente ao passado (mesmo que este passado fosse filho do ontem!). Os “novos rebeldes” abominavam museus, o academicismo (que por sua vez viria regado de tradicionalismo), a métrica e qualquer coisa que pudesse lembrar a existência do antigo ou retrógrado. Por outro lado, exaltavam o maquinário e tudo aquilo que fosse fruto da produção industrial, a qual era presença marcante na época. Tudo isto era resultado de uma transição que não cessava em ocorrer e que interferia na mentalidade e economia de tal período.

Na produção poética, o verso livre era o protagonista da história. Este não teria mais como obrigação a contagem exata das sílabas, pois não era mais vítima de um aterrorizante escandir. O verso era dono de uma alegria típica modernista que transbordava na hora do processo criativo e era ritmado de acordo com aquilo que intencionava transmitir, fosse falar sobre as guerras, fosse discorrer sobre a última invenção do momento ou fazer um deboche sobre algum parnasiano distraído. Exemplo claro disto, foram os poemas recitados na Semana de Arte Moderna de 1922[[4]](#footnote-4).

Nela estavam presentes diversos tipos de obras e trabalhos expostos pelas demais formas artísticas. Foi uma semana que clamou o desejo à livre expressão, que revelou artistas que negavam o passado, mas que por vezes se utilizam do mesmo para declamar seus discursos que ainda eram jovens de mais para serem capazes de se desprender de um passado ainda tão presente.

Os modernistas não se consideravam membros de uma escola e, por conta disto, foram representantes de acenos precursores, usufruíram das mais variadas formas de escrever, pintar, cantar e tocar para produção de suas obras, inspiradas nas últimas novidades européias que uma ínfima elite paulistana e carioca trazia para o país após uma temporada de estudos fora do Brasil. É nesta mesma época que Manuel Bandeira viaja para a Europa para se tratar da tuberculose, doença esta que seria uma das principais fontes de inspiração para as centenas de poemas que o autor produziu ao longo da vida.

Por conta de seu tratamento, Bandeira é impedido de participar de fato da Semana de Arte Moderna e deixa o poema “Os Sapos”, há pouco produzido, para ser lido por seu colega, Ronald de Carvalho, no dia 15 de fevereiro. O poema é uma paródia composta com as principais características do modo de criar parnasiano: métrica regular e sonoridade, as quais foram empregadas para satirizar esta corrente que se utilizava do academicismo, do soneto e do requinte formal para produção de suas obras.

Neste referido poema[[5]](#footnote-5), Bandeira joga à maneira parnasiana de criar, exacerbando humor e causando alvoroço num dia que acaba sendo um dos mais agitados da Semana.

Na imprensa, a obra repercutiu de maneira notável nos principais jornais como O Estado de São Paulo e o Correio Paulistano, através das críticas escritas, muitas vezes, pelos próprios participantes da Semana e também nas revistas de grande circulação dos meios de divulgação da época, sendo estas, cada vez mais comuns:

O parnasianismo, apesar dos ataques sofridos, mesmo da parte de intelectuais não comprometidos com a forma literária, como João Ribeiro e Flexa Ribeiro, entre outros, perdurava ainda e ainda encontrava seguidores entusiastas, dispostos a defender-lhe os princípios e fundamentos. Oswald de Andrade protestava: ‘Estamos atrasados de cinqüenta anos em cultura, vivemos chafurdados em pleno parnasianismo’. (BRITO, 1997, p.193)

Contudo, vale mencionar que a Semana não foi congratulada com apenas uma passagem, a referida neste artigo. Houve movimento crítico também a artistas plásticos e outras formas de arte presentes no Teatro Municipal de São Paulo.

Havia uma carga crítica fortemente presente no local, a todo o momento, por todos os lados, em defesa de ideais que influenciaram na repercussão das obras apresentadas na Semana. Isso acabou por legitimar ou, pelo menos, de alguma forma, colocar em evidências as expressões artísticas que estavam ali presentes, como explicam Cândido & Castello:

A arte e a literatura modernas -antes postas à margem consideradas capricho de alguns iconoclastas irresponsáveis- são agora reconhecidas como expressão legítima da nossa sensibilidade e da nossa mentalidade. (CANDIDO & CASTELLO, 2006, p.10)

Partindo de todas estas informações, vale dizer que tanto Brasil como Rússia tiveram momentos de transição e de revolução. Mesmo que ainda estivessem presos a um passado ainda tão próximo os dois países ousaram em inovar com as suas artes e suas ideologias. Isso acabou por abrir outras portas a todos àqueles que apostaram em criar, em crescer e descobrir o “novo” que todos os dias a vida e a originalidade da obra artística eram capazes de proporcionar e de certa forma, ouso dizer, acabaram por aproximar países, avizinhar fatos e realidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, provocado inicialmente pelo interesse em estabelecer um diálogo entre dança e literatura, buscou pensar as relações possíveis entre objetos estéticos de distintas procedências, em contextos diferentes e extremamente peculiares. Foram considerados, para tanto, aspectos sócio-histórico-filosóficos e econômicos, além da abordagem sobre a manifestação transitória do neoclassicismo, para melhor entender a passagem de uma corrente para outra, entendendo suas principais influências.

A fim de guiar e facilitar o entendimento e progressão do presente trabalho, tive como hipótese que permeia esta pesquisa o seguinte fio condutor: fatores históricos influenciam (in)diretamente no processo criativo dos artistas. Desta forma pudemos analisar com mais afinco os acontecimentos que influenciaram cada proposta artística e o que tais passagens acabaram por abarcar em tais obras. Nesta via de mão dupla as obras se deram de maneira dinâmica e tiveram seus espaços marcados numa época de tantas inovações como foi o modernismo.

Ao tratar sobre a obra dançada por Vaslav Nijinsky, cabe perceber sua relação com os acontecimentos históricos do período (como a Revolução Russa, a Primeira Guerra Mundial, etc.) e todas as interferências que as mesmas acarretaram diretamente no modo de ser/estar das pessoas da época e de fazer arte por parte dos artistas daquele cenário. A obra de Manuel Bandeira também gerou uma significativa repercussão e os impactos que ela causou ao meio auxiliou a fazer da Semana da Arte Moderna uma das maiores Mostras já ocorridas no país.

Em ambos os casos, os acontecimentos históricos foram algumas das principais influências no comportamento e reação do público presente nos eventos. No caso brasileiro, a forma como a literatura se relacionou com as outras artes também foi resultado de todas as inovações e estranhamentos gerados na época.

A pesquisa procurou aproximar seus objetos de estudo para concretizar a possibilidade de ter ambas linguagens artísticas observadas pelo mesmo viés analítico. Arte e história são unidas mediante o desejo de que, sempre que possível, os vários tipos de saberes dialoguem, somando e possibilitando um estudo mais rico e interessante, que conscientize e informe, de fato, os acontecimentos em seus dados contextos, com o intuito de ajudar a pesquisa e enriquecer os estudos no âmbito acadêmico.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Aracy. *Artes Plásticas na Semana de 22: Subsídios para uma história da renovação das artes no Brasil.* São Paulo:Perspectiva,1979.

BOUCIER, Paul. *História da Dança no ocidente*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro: Antecedentes da Semana de Arte Moderna.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,1997.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo*. Presença da Literatura Brasileira- Das Origens ao Realismo- história e antologia.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira –Modernismo- história e antologia.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

JARDIM, Mara. *Bandeira de Bolso-Uma antologia poética.* POA: L&PM, 2008.

FARO, Antonio José. *Pequena História da Dança.* Rio de Janeiro: J.Zahar, 2004.

PORTINARI, Maribel*. História da Dança*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1989.

NIJINSKY, Romola (org). *O Diário de Nijinsky*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

SASPORTES,José *– Pensar a Dança- A reflexão estética de Mallarmé a Cocteau*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

ANEXO I

**Os Sapos – Manuel Bandeira**

Enfunando os papos,  
Saem da penumbra,  
Aos pulos, os sapos.  
A luz os deslumbra.  
  
Em ronco que aterra,  
Berra o sapo-boi:  
- "Meu pai foi à guerra!"  
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!".  
  
O sapo-tanoeiro,  
Parnasiano aguado,  
Diz: - "Meu cancioneiro  
É bem martelado.  
Vede como primo  
Em comer os hiatos!  
Que arte! E nunca rimo  
Os termos cognatos!  
  
O meu verso é bom  
Frumento sem joio  
Faço rimas com  
Consoantes de apoio.  
  
Vai por cinqüenta anos  
Que lhes dei a norma:  
Reduzi sem danos  
A formas a forma.  
  
Clame a saparia  
Em críticas céticas:  
Não há mais poesia,  
Mas há artes poéticas . . ."  
  
Urra o sapo-boi:  
- "Meu pai foi rei" - "Foi!"  
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!"  
  
Brada em um assomo  
O sapo-tanoeiro:  
- "A grande arte é como  
Lavor de joalheiro.  
  
Ou bem de estatuário.  
Tudo quanto é belo,  
Tudo quanto é vário,  
Canta no martelo."  
  
Outros, sapos-pipas  
(Um mal em si cabe),  
Falam pelas tripas:  
- "Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!".  
Longe dessa grita,  
Lá onde mais densa  
A noite infinita  
Verte a sombra imensa;  
  
Lá, fugindo ao mundo,  
Sem glória, sem fé,  
No perau profundo  
E solitário, é  
  
Que soluças tu,  
Transido de frio,  
Sapo-cururu  
Da beira do rio.

1. Acadêmica do 8º semestre do curso de Dança Licenciatura- UFPel; E-mail: taischavesprestes@hotmail.com.

   ² Thiago Silva de Amorim Jesus: Professor do Curso de Dança-Licenciatura e Coordenador do Núcleo de Folclore do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas - UFPel; E-mail: thiagoufpel@gmail.com. [↑](#footnote-ref-1)
2. Contudo, em algumas fontes é possível encontrar informações de que quem recitou o poema de Bandeira foi Mário de Andrade. [↑](#footnote-ref-2)
3. Todavia, as informações mais comumente encontradas são as que consideram o poema como um recado dado, de fato, aos conhecidos “parnasianos metrificados”.

   Parnasianismo: Escola literária surgida na França que se opôs ao romantismo e se caracterizou pelo gosto por poemas construídos com rimas ricas, versos metrificados e pela preferência por sonetos; se utilizou de temas da mitologia grega e cultura clássica. Na Semana de Arte Moderna de 22 os parnasianos foram apontados e provocados pelos modernistas em meio às obras de arte, pois para estes a proposta dos parnasianos já era ultrapassada e retrógrada. [↑](#footnote-ref-3)
4. A Semana de Arte Moderna de 22 foi o evento que representou, muito bem, a busca de uma arte de fato brasileira. Aconteceu no teatro municipal de São Paulo nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922 marcando a grande estréia do modernismo brasileiro. Foi o ponto de encontro de tendências modernas que vinham sendo formadas nas principais capitais na época, São Paulo e Rio de Janeiro. [↑](#footnote-ref-4)
5. Poema “Os Sapos” encontra-se no Anexo I deste artigo. [↑](#footnote-ref-5)